

**VARIABILIDADE DOS NÍVEIS DE COESÃO DE GRUPO AO LONGO DE UMA
COMPETIÇÃO: ESTUDO DE CASO**

**VARIABILITY OF THE LEVELS OF GROUP COHESION DURING A COMPETITION: A CASE
STUDY**

Ivan Wallan Tertuliano¹

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil

Douglas Versuti Arantes Alvarenga

Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, Brasil

Bruna Alves Santana

Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, Brasil

Bruna Maria Genuíno Sousa

Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, Brasil

Rosana Lopes da Silva Garcia

Centro Universitário Ítalo Brasileiro, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente manuscrito teve o objetivo de avaliar a variabilidade dos níveis de coesão de grupo de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição, utilizando-se de um estudo de caso. Para isso, atletas de um clube foram avaliados e escolhidos por conveniência. Participaram 27 atletas de Basquetebol das categorias de base do clube (sub-14 e sub-15), com idade entre 13 e 15 anos, todos do sexo masculino. Os participantes responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, sendo respondido em seis jogos ao longo do campeonato. Os resultados demonstraram que os atletas investigados apresentaram elevados escores para dimensão AI-T e baixos escores para dimensão GI-S, independentemente da categoria, durante toda competição. Além disso, no decorrer da competição os atletas apresentaram regularidade nos níveis de coesão, pois não houve diferença significativa para nenhuma dimensão. Por fim, apesar das equipes iniciarem o campeonato com níveis de coesão distintos em duas dimensões (GI-S e AI-S), no decorrer da competição essas diferenças

¹ Correspondência: Ivan Wallan Tertuliano
Universidade Anhembi Morumbi – Escola de Ciências da Saúde
Rua Dr. Almeida Lima, 1.134 – Mooca
São Paulo/SP, Brasil.
CEP: 03164-000
Tel: (011) 2790-4612
E-mail:ivanwallan@gmail.com

deixaram de existir. Pode-se concluir que os atletas apresentaram elevados escores de AI-T e baixos escores de GI-S durante toda competição, e que não apresentaram variabilidade nos níveis de coesão durante a competição.

Palavras-chave: Coesão, Psicologia do Esporte, Basquetebol, Coesão de grupo.

Abstract

The present manuscript had the objective of evaluating the variability of the levels of cohesion of the group of Basketball athletes during a competition, using a case study. For that, athletes from a club were evaluated and chosen for convenience. Twenty-seven basketball players from the club's bottom categories (under-14 and under-15) participated, aged between 13 and 15 years, all male. The participants answered the Group Environment Questionnaire – GEQ, being answered in six games throughout the championship. The results showed that the investigated athletes had high scores for the ATG-T dimension and low scores for the GI-S dimension, regardless of the category, throughout the competition. In addition, during the competition the athletes showed regularity in the levels of cohesion, as there was no significant difference for any dimension. Finally, despite the team's starting the championship with different levels of cohesion in two dimensions (GI-S and ATG-S), in the course of the competition these differences no longer exist. It can be concluded that the athletes had high ATG-T scores and low GI-S scores throughout the competition, and that they did not show variability in cohesion levels during the competition.

Keywords: Cohesion, Sport Psychology, Basketball, Group cohesion.

Resumen

El presente manuscrito tuvo como objetivo evaluar la variabilidad de los niveles de cohesión del grupo de atletas de Baloncesto durante una competencia, mediante un estudio de caso. Para eso, los atletas de un club fueron evaluados y elegidos por conveniencia. Participaron 27 jugadores de baloncesto de las categorías inferiores del club (menores de 14 y menores de 15), con edades comprendidas entre los 13 y los 15 años, todos varones. Los participantes respondieron el Cuestionario de Ambiente Grupal – CAG, siendo respondido en seis juegos a lo largo del campeonato. Los resultados mostraron que los atletas investigados obtuvieron puntuaciones altas para la dimensión AI-T y puntuaciones bajas para la dimensión GI-S, independientemente de la categoría, durante toda la competencia. Además, durante la competición los deportistas mostraron regularidad en los niveles de cohesión, ya que no hubo diferencia significativa para ninguna dimensión. Finalmente, a pesar de que los equipos comienzan el campeonato con diferentes niveles de cohesión en dos dimensiones (GI-S y AI-S), en el transcurso de la competencia estas diferencias ya no existen. Se puede concluir que los atletas tuvieron puntuaciones AI-T altas y puntuaciones GI-S bajas a lo largo de la

competencia, y que no mostraron variabilidad en los niveles de cohesión durante la competencia.

Palabras clave: Cohesión, Psicología del deporte, Baloncesto, Cohesión grupal.

Introdução

Coesão de grupo é caracterizada por um ato diligente que requer à união do grupo para atingir metas e dos membros do grupo (Fiorese et al., 2017; Tertuliano, Alvarenga, Xavier, Oliveira, & Machado, 2019). A literatura aponta que coesão de grupo pode ser dividida em coesão de tarefa e coesão social (Mikalachki, 1969). A coesão de tarefa é compreendida como a coesão na qual o grupo se empenha para desenvolver uma tarefa e alcançar o resultado que é o esperado por todos do grupo (Weinberg & Gould, 2017). A coesão social é compreendida como a coesão na qual os membros do grupo se unem por questões de amizade, relações sociais, não necessariamente em prol de uma meta em comum (Asamoah & Grobbelaar, 2017).

Ainda no que tange a classificação, pode-se citar duas categorias para ambas as classificações (da tarefa e social), as atrações pessoais da pessoa para o grupo e as percepções de um membro sobre o grupo (Carron, Widmeyer, & Brawley, 1985). Dessa forma, a literatura aponta que a coesão é multidimensional, pois fatores relacionados a tarefa, ao convívio social, a fatores intrínsecos e fatores extrínsecos podem influenciá-la (Carron, Brawley, & Widmeyer, 1998).

No contexto esportivo, tais apontamentos são de suma importância, pois em esportes coletivos as tarefas para alcançar a vitória são realizadas em conjunto, ou seja, com a participação de todos da equipe (Paes & Balbino, 2009; Xavier et al., 2020). Dessa forma, a coesão de grupo se demonstra relevante para o alcance da vitória e para o sucesso competitivo (Asamoah & Grobbelaar, 2017; Morão, Verzani, Bagni, Rebutini, & Machado, 2019; Nascimento Junior, Balbim, et al., 2016; Nascimento Júnior et al., 2018; Nascimento Junior, Ribeiro, et al., 2016; Silveira & Oliveira, 2017; Tertuliano et al., 2019; Xavier et al., 2020), pois de forma geral, a literatura aponta que quanto maior o nível de coesão do grupo, maiores serão as possibilidades de obtenção de sucesso (Carron, Bray, & Eys, 2002).

Como instrumento de avaliação da coesão de grupo no contexto esportivo, pode-se citar o Questionário de Ambiente de Grupo – QEG (Carron et al., 1985; Eys, Carron, Bray, & Brawley, 2007), validado para o Brasil (Nascimento Junior, Vieira, Rosado, & Serpa, 2012). Enquanto pesquisas, alguns estudos foram conduzidos (Balbim, Nascimento Junior, & Vieira, 2012; Fiorese et al., 2017; Nascimento Junior, Balbim, et al., 2016; Nascimento Junior, Ribeiro, et al., 2016; Nascimento Junior & Vieira, 2012; Tertuliano et al., 2019; Xavier et al., 2020), e demonstraram que os elevados escores de coesão para tarefa são mais relevantes para o sucesso esportivo, do que a coesão em relação ao grupo. Além disso, a literatura aponta que os níveis de coesão podem se alterar durante a competição (Carron et al., 1985; Eys et al., 2007; Nascimento Junior, Balbim, et al., 2016; Xavier et al., 2020), justificando o presente estudo.

Todavia, a maior parte desses estudos apresentam a limitação de avaliar os atletas em um único momento competitivo, ou seja, não avaliaram a variabilidade dos níveis de coesão de grupo ao longo de uma temporada esportiva, justificando novamente o presente estudo. Dos estudos supracitados, apenas o estudo de Nascimento Junior, Balbim, et al. (2016) acompanhou os níveis de coesão da equipe em mais de um evento competitivo, ou seja, ao longo de uma temporada, demonstrando a necessidade de mais trabalhos acerca da temática.

Dessa forma, a questão norteadora do estudo foi: Será que os níveis de coesão de grupo de atletas, ao longo de um campeonato, apresentam variabilidade? Diante do exposto, o presente estudo teve o objetivo de avaliar a variabilidade dos níveis de coesão de grupo de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição, utilizando-se de um estudo de caso, ou seja, avaliando os atletas das categorias de base de um clube.

Método

Participantes

No presente estudo apoiou-se em um estudo de caso, assim a amostra foi constituída por conveniência (Thomas, Nelson, & Silverman, 2012). Dessa maneira, utilizou-se de alguns critérios para essa etapa da pesquisa, como a escolha de atletas de um mesmo clube, a escolha de atletas de uma modalidade esportiva (Basquetebol), a escolha de atletas do mesmo sexo e que eram treinados pela mesma comissão técnica.

Mesmo que os técnicos fossem distintos, a filosofia de trabalho era a mesma, pois a gerência esportiva acompanhava e orientava os técnicos e assim, as duas categorias seguiam a mesma filosofia de trabalho (modelo de treinamento).

Assumindo os critérios supracitados, participaram do presente estudo, de forma voluntária, 27 atletas de Basquetebol das categorias de base do clube, com idade variando entre 13 e 15 anos e todos do sexo masculino. Dos 27 participantes, 12 atletas eram da categoria sub-15 e 15 atletas era da categoria sub-14. Analisando o tempo de equipe dos participantes, 52% dos atletas estavam no clube a mais de um ano e 48% dos atletas estavam no clube a menos de seis meses.

Quando se analisa o tempo de equipe, agora observando as categorias isoladamente, pode-se inferir que na categoria sub-15, 58% dos atletas estavam no clube a menos de seis meses e 42% dos atletas estavam no clube a mais de um ano. Ao observar a categoria sub-14, pode-se apontar que na categoria sub-14, 40% dos atletas estavam no clube a menos de seis meses e 60% dos atletas estavam no clube a mais de um ano. No presente estudo foram incluídos apenas os atletas que participaram de todas as fases do campeonato (reservas e titulares).

Instrumentos

Utilizou-se dois instrumentos no presente estudo, o questionário sociodemográfico, com questões pertinentes a idade, sexo, clube e outras informações necessárias para categorização da amostra, e a versão validada para o Brasil do Questionário de Ambiente de Grupo – QEG (Nascimento Junior et al., 2012).

O QEG é composto por 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas, distribuídos em quatro dimensões: (1) Integração no Grupo-Tarefa (GI-T) – como o atleta considera a harmonia da equipe em tarefas a serem realizadas (pertencem a essa dimensão os itens 8, 10, 12, 14 e 16); (2) Integração no Grupo-Social (GI-S) – como o atleta considera a união da equipe como unidade social (pertencem a essa dimensão os itens 9, 11, 13 e 15); (3) Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T) – como o atleta considera seu envolvimento com os objetivos estabelecidos (pertencem a essa dimensão os itens 3, 4 e 6); (4) Atração Individual para o Grupo- -Social (AI-S) –

como o atleta considera a sua integração dentro do grupo social (pertencem a essa dimensão os itens 1, 2, 5 e 7).

Em relação aos itens do QEG, eles são formulados em forma de questões e podem ser respondidos em uma escala de nove pontos, sem que 1 significa “discordo totalmente” e 9 “concordo totalmente”. No QEG, as respostas mais próximas de 9 “concordo totalmente”, indicam um alto nível de coesão, enquanto que, as respostas mais próximas de 1 “discordo totalmente”, indicam um baixo nível de coesão. Para calcular o escore de cada dimensão deve-se somar as respostas dos itens de cada dimensão e dividir pelo respectivo número de itens, apresentando valores que variam entre 1 e 9.

Como o QEG é um instrumento psicométrico, houve a necessidade de avaliar a consistência interna das dimensões do instrumento. O alfa de Cronbach para as dimensões do QEG variou de $\alpha = 0,765$ a $\alpha = 0,892$, valor que é apontado pela literatura como demonstrativo de forte consistência interna dos itens (Cronbach, 1951; Field, 2009; Hopkins, 2002).

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa assumiu os padrões éticos de pesquisas com seres humanos citados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) e estabelecidos na resolução 466/12. Assim, apenas após a aprovação do CEP (comitê de ética e pesquisa) que se fez o contato com o clube e com os atletas. Tratando-se do CEP, a presente pesquisa teve a aprovação sob o parecer 1.541.273 (CEP do Hospital e centro de reabilitação da AACD).

Com a devida aprovação pelo CEP iniciaram os contatos com o clube, solicitando autorização para pesquisa. Após o clube autorizar a pesquisa, iniciaram as conversas com a gerência esportiva, explicando os procedimentos e objetivos da pesquisa. Com a devida autorização da gerência esportiva e dos técnicos, a pesquisa foi apresentada aos atletas das duas categorias, solicitando a permissão para coletar as informações junto aos atletas, durante o campeonato.

Na presente pesquisa todos os atletas eram menores de idade, o que conduziu os pesquisadores a solicitarem, também, a autorização dos responsáveis dos atletas. Os responsáveis, nesse caso, assinaram o TCLE (termo de consentimento livre e

esclarecido), autorizando a participação dos atletas, e os atletas assinaram o termo de assentimento.

Para atender a confiabilidade dos dados e o anonimato das informações, todos os atletas responderam os questionários entre 1h30 e 45 minutos antes dos jogos., individualmente, no local do jogo, sempre na presença de um pesquisador, com o objetivo de evitar o compartilhamento das informações e, assim, prejudicar a confiabilidade e o anonimato das informações. As coletas ocorreram em seis jogos do campeonato escolhido para acompanhamento.

No primeiro jogo, que foi o jogo de estreia das equipes, os atletas responderam o Questionário sociodemográfico e o QEG. Entretanto, nos demais jogos, os atletas responderam apenas ao QEG. O último jogo coletado (sexto jogo) foi o jogo da final do campeonato. Em média, os atletas levaram 10 minutos para o preenchimento dos questionários. Todas as informações foram digitadas no Excel e analisadas no *IBM SPSS Statistics*, versão 22.

Procedimento de análise

Com base no teorema do limite central, o presente estudo assumiu a seguinte colocação: estudos com $n < 30$ podem assumir a ausência de normalidade das médias amostrais sem a necessidade de testes de normalidade (Green, Salkind, & Akey, 2000; Pagano & Gauvreau, 2004; Triola, 2017). Dessa forma, quando se assume a ausência de normalidade, as análises devem ser conduzidas com o auxílio de testes não paramétricos (Thomas et al., 2012).

Sendo assim, baseando-se na literatura supracitada, o presente estudo optou por assumir a não normalidade das médias amostrais ($n < 30$ atletas) e utilizar testes não paramétricos. Para apresentação dos resultados, utilizou-se dos quartis (Q1; Q3) e para análise dos resultados, utilizou-se das medianas (Md). Referente as comparações entre categorias (sub-14 x sub-15), o teste U de Mann Whitney foi utilizado. Nas comparações entre os níveis de coesão de grupo ao longo do campeonato (6 jogos), o teste de Friedman foi utilizado. Quando se encontrou diferenças significantes nas comparações ao longo do campeonato, utilizou-se o *post hoc* de Wilcoxon para localizar a diferença.

O sequencial Holm de Bonferroni (Green et al., 2000) foi utilizado no *post hoc* para controle do erro do tipo 1. Todas as análises assumiram a significância de $p < 0,05$, com exceção do *post hoc* de Wilcoxon, no qual foi utilizado o nível de significância calculado pelo sequencial Holm de Bonferroni. Referente ao desempenho das equipes ao longo da competição, os dados foram descritos para auxiliar na discussão dos resultados acerca do objetivo do estudo. Sendo assim, eles foram descritos enquanto jogos realizados na competição, jogos avaliados para esse estudo e desempenho das equipes (aproveitamento das equipes – jogos ganhos, jogos perdidos e percentual de desempenho em cada etapa da competição).

Resultados

Pode-se observar na Tabela 1 que os atletas do sub-15 demonstraram menores escores em todas dimensões relacionadas a coesão social em todos os jogos. Essas observações corroboram parcialmente as análises inferenciais, pois o teste U de Mann Whitney apresentou diferenças significantes entre as categorias em apenas dois jogos (jogo 1 e jogo 2).

No jogo 1 as diferenças foram nas duas dimensões relacionadas a coesão social (GI-S e AI-S), com os menores escores para o sub-15. Referente ao jogo 2, as diferenças foram somente na dimensão AI-S (relacionada a coesão social), com os menores escores, novamente, para o sub-15. As demais dimensões não apresentaram diferenças significantes nos jogos 1 e 2 e nos demais jogos, não houveram diferenças significantes entre nenhuma dimensão.

Tabela 1.

Comparação entre grupos para cada jogo (N=27).

Dimensões		GI-T	GI-S	AI-T	AI-S
		Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)
Jogo 1	Sub-14	8,40 (8,00;	7,75 (6,25;	8,66 (8,00;	8,50 (8,00;
		9,00)	8,50)	9,00)	9,00)
	Sub-15	7,50 (6,70;	5,87 (3,56;	7,66 (7,33;	6,87 (5,62;
		8,55)	6,81)	8,66)	7,75)
U de	Z	-1,890	-3,084	-1,615	-2,874
Mann	<i>p</i>	0,059	0,001*	0,114	0,003*
Whitney					
Jogo 2	Sub-14	8,00 (6,80;	6,75 (5,25;	8,66 (8,00;	7,50 (7,00;
		8,80)	7,75)	9,00)	8,50)
	Sub-15	7,30 (6,25;	5,75 (4,50;	7,66 (6,66;	6,50 (4,81;
		8,40)	6,87)	8,66)	7,25)
U de	Z	-1,006	-1,248	-2,029	-2,646
Mann	<i>p</i>	0,323	0,217	0,052	0,007*
Whitney					
Jogo 3	Sub-14	7,20 (6,60;	7,00 (4,75;	8,66 (7,33;	7,75 (6,25;
		8,40)	7,50)	8,66)	8,25)
	Sub-15	7,50 (6,90;	5,37 (2,06;	8,33 (6,41;	7,12 (6,00;
		8,50)	6,68)	8,91)	7,93)
	Z	-0,588	-1,955	-0,520	-1,424

U de					
Mann	<i>p</i>	0,581	0,053	0,614	0,167
Whitney					
	Sub-14	7,20 (6,80; 7,80)	6,50 (5,00; 7,50)	7,66 (7,00; 8,33)	7,25 (6,75; 7,75)
Jogo 4					
	Sub-15	7,50 (6,00; 8,20)	5,27 (3,06; 6,50)	7,83 (6,58; 8,33)	6,26 (5,00; 7,68)
U de	Z	-0,660	-1,272	-0,271	-1,544
Mann	<i>p</i>	0,516	0,217	0,792	0,126
Whitney					
	Sub-14	7,60 (6,60; 8,00)	6,50 (5,00; 7,50)	7,80 (7,33; 8,33)	7,28 (6,75; 8,00)
Jogo 5					
	Sub-15	7,70 (6,60; 8,50)	5,81 (2,50; 6,87)	7,33 (6,33; 8,91)	6,69 (5,00; 7,43)
U de	Z	-0,245	-1,421	-0,738	-1,788
Mann	<i>p</i>	0,829	0,167	0,486	0,075
Whitney					
	Sub-14	7,30 (6,20; 7,80)	6,23 (5,00; 7,75)	7,87 (7,33; 8,00)	7,27 (6,75; 8,00)
Jogo 6					
	Sub-15	7,68 (6,65; 8,35)	5,37 (3,34; 6,68)	7,83 (5,66; 8,58)	6,26 (5,00; 7,43)
	Z	-0,979	-1,148	-0,393	-1,814

U de					
Mann	<i>p</i>	0,347	0,256	0,719	0,075
Whitney					

* diferença significativa: $p < 0,05$

Fonte: os autores.

Prosseguindo nas análises para atender aos objetivos do estudo, avaliou-se a variabilidade dos níveis de coesão de grupo com os atletas organizados em um único grupo amostral. Tais procedimentos se deram com base nos critérios adotados para composição da amostra (os atletas eram treinados, mesmo que por técnicos diferentes, com base em uma mesma filosofia de trabalho).

As observações da variabilidade dos níveis de coesão de grupo durante o campeonato (tabela 2) apontaram que a dimensão GI-S obteve os menores escores durante todo o campeonato. Essas observações foram confirmadas pelas análises inferenciais, pois demonstraram diferenças significantes em todos os jogos avaliados ($p < 0,05$).

Para localizar as diferenças, o *post hoc* de Wilcoxon ajustou o valor de *p* com o sequencial de Holm de Bonferroni ($p < 0,008$). Com base nos resultados do *post hoc*, as diferenças significantes, em todos os jogos, foram entre a dimensão GI-S e todas as outras dimensões, com a dimensão GI-S apresentando os menores escores em todos os jogos. O *post hoc* também demonstrou que a dimensão AI-T obteve escores superiores a duas dimensões (GI-S e AI-S) em todos os jogos avaliados.

Tabela 2.

Comparação das dimensões entre jogos (n=27).

Dimensões	GI-T	GI-S	AI-T	AI-S	Friedman	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	χ^2	p
Jogo 1	8,40 (7,40; 8,80)	7,00 (5,50; 8,00)	8,33 (7,66; 9,00)	8,00 (6,75; 8,75)	24,066	0,000*
Jogo 2	7,60 (6,80; 8,40)	6,50 (5,25; 7,25)	8,33 (7,00; 8,66)	7,75 (6,25; 8,00)	33,570	0,000*
Jogo 3	7,40 (6,80; 8,40)	6,25 (3,00; 7,25)	8,33 (7,00; 9,00)	7,25 (6,25; 8,00)	28,443	0,000*
Jogo 4	7,20 (6,60; 8,00)	6,25 (4,25; 7,00)	7,66 (7,00; 8,33)	7,00 (5,75; 7,75)	30,135	0,000*
Jogo 5	7,60 (6,60; 8,20)	6,50 (4,50; 7,25)	7,66 (7,24; 8,66)	7,25 (5,75; 7,50)	29,231	0,000*
Jogo 6	7,40 (6,40; 8,20)	6,23 (5,00; 7,00)	7,87 (7,33; 8,33)	7,25 (6,00; 8,00)	37,944	0,000*
Friedman	χ^2	16,332	7,880	8,960	13,863	
	p	0,060	0,163	0,111	0,170	

* diferença significativa: $p < 0,05$

Fonte: os autores.

Dando continuidade as análises, avaliando a variabilidade dos escores das dimensões durante o campeonato, pode-se observar que as dimensões apresentaram diminuição dos escores no decorrer da competição. Todavia, o teste de Friedman não confirmou as análises descritivas, pois não apresentou diferença significativa entre as

dimensões no decorrer do campeonato ($p>0,05$). Esses resultados indicam que as dimensões mantiveram escores regulares durante o campeonato.

Tratando-se do desempenho das equipes no campeonato, a tabela 3 demonstra resultados similares ao término da competição, pois as duas equipes conquistaram o segundo lugar na competição, série prata. Esses resultados apontam que as equipes conseguiram concluir a competição com resultado similar, pois ambas conquistaram o segundo lugar da série prata. Esses achados reforçam os apontamentos no que se refere a similaridade das equipes avaliadas nesse estudo.

Tabela 3.

Desempenho das equipes durante a competição e jogos avaliados.

		Jogos	Vitórias	Derrotas	Jogos avaliados	Desempenho (aproveitamento)	Classificação Final
Sub-14	Classificatória	28	21	7	5	75%	5o lugar
	Finais	2	1	1	1	50%	2o lugar série prata
	Total	30	22	8	6	Desempenho final 73,33%	
Sub-15	Inicial	18	14	4	2	77,78%	2o lugar
	Classificatória	14	7	7	3	50%	5o lugar
	Finais	2	1	1	1	50%	2o lugar série prata
	Total	34	22	12	6	Desempenho final 64,71%	

Fonte: os autores.

Em síntese, os resultados do presente estudo demonstraram que a amostra avaliada apresentou diferenças entre as categorias apenas nos dois primeiros jogos e que, além disso, as diferenças foram relacionadas as dimensões sociais (GI-S e AI-S: essa dimensão nos dois jogos). Esses resultados no início do campeonato eram esperados, pois a maioria dos atletas do sub-15 (58%) eram novos no clube e estavam na equipe a menos de 6 meses. Todavia, no decorrer do campeonato as duas categorias apresentaram resultados similares para todas as dimensões.

Tratando dos resultados acerca da variabilidade dos níveis de coesão durante o campeonato, os resultados indicaram que as dimensões mantiveram escores regulares durante o campeonato, ou seja, não houve variação nos níveis de coesão de grupo. Nas comparações entre dimensões, os resultados demonstraram que a dimensão GI-S obteve os menores escores em todos os jogos e que a dimensão AI-T foi significativamente superior as duas dimensões sociais (GI-S e AI-S) em todos os jogos, demonstrando forte relação em prol da tarefa para todos os atletas avaliados durante o campeonato. Por fim, os resultados demonstraram que as duas equipes apresentaram desempenho final similar, pois terminaram o campeonato na mesma colocação.

Discussão

No presente estudo se fez a avaliação da variabilidade dos níveis de coesão de grupo de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição utilizando-se de um estudo de caso, ou seja, avaliando os atletas das categorias de base de um clube. Yin (2013) cita que um estudo de caso visa compreender a relação de um participante, ou um conjunto pequeno de participantes, com o fenômeno (variável) investigado. Além disso, a literatura cita que o estudo de caso não tem a intenção de generalizar os resultados encontrados, mas busca compreender a relação entre o participante, ou pequeno grupo de participantes, ou organizações e o fenômeno de forma mais detalhada (André, 2013; Thomas et al., 2012; Triola, 2017), apontando a influência do fenômeno nos resultados da amostra investigada.

Sendo assim, neste estudo alguns critérios foram adotados no momento da seleção dos participantes (Triola, 2017), como a escolha de atletas de um mesmo clube, a escolha de atletas de uma modalidade esportiva (Basquetebol), a escolha de atletas

do mesmo sexo e que eram treinados pela mesma comissão técnica, pois a filosofia de trabalho, mesmo que os técnicos fossem distintos, era a mesma para as duas categorias. Além disso, como se assumiu um estudo de caso, os resultados do presente estudo não objetivam a generalização dos achados, mas apresentar como as equipes avaliadas se comportaram no decorrer do campeonato, fazendo relações com a possível influência da filosofia de trabalho (modelo de treinamento) da comissão técnica nos resultados.

De acordo com os resultados do presente estudo, no início do campeonato os atletas do sub-15 apresentaram menores escores nas dimensões sociais, mas isso era esperado, pois a maior parte dos atletas (58%) eram iniciantes no clube, o que pode explicar os resultados iniciais. Todavia, no decorrer do campeonato as categorias apresentaram resultados similares para todas dimensões e jogos.

Referente a variabilidade dos níveis de coesão de grupo, os resultados do presente estudo demonstraram que não houve variabilidade nos níveis de coesão durante a competição. Os resultados indicaram que as dimensões mantiveram escores regulares durante o campeonato, ou seja, não houve variação nos níveis de coesão de grupo. Nas comparações entre dimensões, os resultados demonstraram que a dimensão GI-S obteve os menores escores em todos os jogos e que a dimensão AI-T foi significativamente superior as duas dimensões sociais (GI-S e AI-S) em todos os jogos.

Os elevados escores de AI-T encontrados no presente estudo corroboram os achados de outros estudos (Balbim et al., 2012; Fiorese et al., 2017; Nascimento Junior, Balbim, et al., 2016; Nascimento Junior, Ribeiro, et al., 2016; Nascimento Junior & Vieira, 2012; Tertuliano et al., 2019; Xavier et al., 2020). Além dos elevados níveis de AI-T, o grupo apresentou, de modo geral, elevados níveis de coesão de grupo geral, pois todas as dimensões, em todas as coletas, apresentaram valores superiores a cinco. Os escores das dimensões (Brisimis, Bebetos, & Krommidas, 2018; Carron et al., 1985; Nascimento Junior et al., 2012; Tertuliano et al., 2019). Esses resultados, elevados níveis de AI-T e elevados níveis gerais de coesão de grupo, sugerem que para esse grupo, quanto maior são os escores de coesão de grupo, principalmente os relacionados a tarefa (AI-T), maior será a dedicação dos atletas para alcançar os objetivos da equipe, corroborando os apontamentos da literatura (Carron & Eys, 2012; Carron, Shapcott, & Burke, 2011; Loughhead & Bloom, 2012; Martin, Carron, Eys, & Loughhead, 2012; Xavier et al., 2020).

Sobre os elevados níveis de AI-T, a literatura aponta que são importantes para equipe (Brisimis et al., 2018; Erikstad, Martin, Haugen, & Høigaard, 2018; Morão et al., 2019; Nascimento Júnior et al., 2018; Sezer & Kocaeksi, 2018; Tertuliano et al., 2019; Verzani, Morão, Bagni, Rebutini, & Machado, 2019; Xavier et al., 2020), pois elevados níveis significam que os atletas estão concentrados em vencer e conquistar um objetivo em comum para todos (neste caso o campeonato), além de demonstrar que esses objetivos são independentes das relações sociais que possam ter, ou não ter, na equipe (Asamoah & Grobbelaar, 2017; Carron et al., 2002; Martin et al., 2012).

Brisimis et al. (2018) investigaram os níveis de coesão de grupo em atletas de diferentes esportes coletivos, verificando se a modalidade esportiva influenciava a coesão do grupo. Participaram do estudo 615 atletas com idade entre 15 e 36 anos. Os autores utilizaram o QEG para avaliar a coesão de grupo. Os atletas foram divididos de acordo com a modalidade esportiva (futebol, basquetebol, handebol, voleibol e polo aquático) e com o nível competitivo (primeira e segunda divisão nacional). Para efeitos de comparação, optou-se em apresentar apenas os resultados acerca do Basquetebol (146 participantes).

Os resultados demonstraram que os atletas de basquetebol apresentaram elevados escores gerais de coesão de grupo (escores acima de cinco pontos) e, somado a isso, elevados escores para dimensão AI-T (atletas da primeira divisão), quando comparada as outras dimensões. Para os atletas que disputaram a segunda divisão nacional, a dimensão AI-S obteve os maiores resultados. Esses achados sugerem que quanto maior for nível competitivo, maior será a coesão em prol da tarefa, ou seja, quanto mais profissional for o nível competitivo, maior será a coesão pela tarefa na equipe, o que é corroborado por outros autores (Apple, 1993; Benson, Šiška, Eys, Priklerová, & Slepíčka, 2016; Gomes, Pereira, & Pinheiro, 2008; Nascimento Junior, Balbim, et al., 2016; Nascimento Junior & Vieira, 2013; Tertuliano et al., 2019; Xavier et al., 2020). No presente estudo os atletas eram todos federados, o que pode justificar os elevados níveis de AI-T, de acordo com os apontamentos de Brisimis et al. (2018).

Asamoah e Grobbelaar (2017) investigaram os níveis de coesão de grupo de atletas de futebol em uma competição universitária. Participaram do estudo 263 atletas com idade média de 22, 64 anos. O questionário utilizado foi o QEG, que foi respondido no início da competição. Os resultados demonstraram que os atletas investigados

apresentaram elevados escores para dimensão AI-T, quando comparada as demais dimensões. Com base nesses resultados, os autores concluíram que elevados níveis de AI-T são benéficos para o melhor desempenho de uma equipe de esporte coletivo. Cabe apontar que os resultados do presente estudo corroboram os achados de Asamoah e Grobbelaar (2017), assim como os achados de outros estudos (Eys, Loughead, Bray, & Carron, 2009; Tertuliano et al., 2019; Xavier et al., 2020).

Falando-se do desempenho das equipes na competição, pode-se citar que o sub-15, mesmo apresentando um desempenho inferior na fase classificatória (50% de aproveitamento), o que pode ter relação com a quantidade maior de novos atletas que o sub-15 apresentava, conseguiu alcançar o segundo lugar na competição (série prata). Aliado a esses resultados, o sub-15 apresentou, no início do campeonato, piores escores para duas dimensões (GI-S e AI-S) que estão relacionadas ao convívio social, ou melhor, falta de entrosamento, o que era esperado, pois a equipe apresentava muitos atletas novatos.

Esse resultado sugere que as equipes, mesmo iniciando de forma diferente, concluíram o campeonato com o mesmo desempenho. Esses achados também ocorreram nos níveis de coesão de grupo, haja vista os grupos terem apresentado resultados similares em todas as dimensões do QEG a partir da terceira avaliação e, mais do que isso, apresentaram elevados escores para dimensão AI-T, representando forte coesão dos atletas em prol dos resultados (tarefa).

Analisando-se ambos os dados, os de coesão e os de desempenho, pode-se sugerir que o método de trabalho adotado nas categorias de base do clube, o que pode ser denominado de “filosofia de trabalho”, foi eficiente, pois mesmo com menor desempenho na fase classificatória, o sub-15 conseguiu concluir a competição na mesma colocação que o sub-14.

No presente estudo, os atletas eram treinados, como já apontado, assumindo-se uma mesma forma de trabalho, mesmo sendo treinados por diferentes treinadores, pois a diretoria do clube estabeleceu uma filosofia de trabalho que era seguida pelos dois técnicos. A diretoria orientava os técnicos frente a padrões de condutas, como linguagem, atitudes para manter o clima motivacional elevado, orientações para periodização do treino físico e técnico, tudo com o objetivo de focar os aspectos que fossem mais benéficos para manutenção de um clima motivacional positivo.

Durante as atividades de orientação frente aos jogos, os técnicos focavam os pontos positivos do jogo, mesmo quando a equipe não havia conquistado a vitória. Nos treinamentos, os técnicos buscavam apresentar um objetivo que fosse atraente para todos da equipe (conquistar a competição), de forma que todos almejassem alcançá-lo, usavam de comunicação inspiradora, cativando o entusiasmo dos atletas, reconhecia os esforços dos atletas, mas sem deixar de direcionar a meta para vitória, e sem deixar de ser exigente, mas cortês, com os atletas,

Vahdani, Sheikhyousefi, Moharramzadeh, Ojaghi, e Salehian (2012) avaliaram a relação entre os estilos de liderança do treinador e a coesão do grupo de equipes esportivas. Participaram do estudo 321 atletas do sexo masculino, com idade média de 22,69 anos. Os atletas responderam dois questionários, o QEG e a escala de liderança no esporte (LSS – Leadership Scale Sports). Os resultados demonstraram que os treinadores que assumiram os estilos de liderança classificados como: treinamento (comportamentos instrutivos); feedback positivo (tendências motivacionais); comportamento democrático (estilo de tomada de decisão com a participação dos atletas); apoio social (tendências motivacionais), apresentaram equipes com elevados escores de coesão de grupo. Os autores concluíram que o estilo de liderança denominado de comportamento autocrático é inadequado para coesão de grupo, pois apresentou correção negativa com a coesão de grupo, enquanto que os outros estilos demonstraram correção positiva.

Dessa forma, o estilo de liderança adotado pela diretoria esportiva do clube, e assumida pelos treinadores das equipes avaliadas, demonstra-se adequado, haja vista os resultados dos níveis de coesão de grupo da equipe. Além disso, os resultados de coesão de grupo sugerem que o trabalho adotado frente a preparação dos atletas surtiu efeitos positivos, pois os atletas apresentaram regularidade nos níveis de coesão, e mais do que isso, durante a competição a dimensão AI-T apresentou os maiores escores, e a dimensão GI-S os menores. Diante disto, pode-se dizer que técnicos que atuam com estilos menos autocráticos tendem a ter equipes mais coesas, além de terem atletas mais focadas na vitória (Hernandez, Eberly, Avolio, & Johnson, 2011; Northouse, 2010; Vahdani et al., 2012; Vroom & Jaago, 2007). Todavia, cabe dizer que essa relação não foi objetivo do presente estudo, tão pouco foi mensurada com instrumentos avaliativos, apontando assim perspectivas futuras de estudo.

Finalizando, o presente estudo apresenta algumas limitações, que devem ser apontadas, como a não comparação dos achados com outras variáveis (estilo de liderança, modelos de treinamento, ansiedade, motivação do grupo, entre outros), bem como a limitação da generalização dos achados. Assim, os resultados do presente estudo, enquanto efeito de generalização, não podem ser utilizados, pois eles representam a característica da população investigada. Entretanto, o presente estudo é um estudo de caso e, por isso, não teve o objetivo de apresentar resultados que tenham efeito de generalização.

Considerações finais

Os resultados do presente estudo, assumindo um estudo de caso, demonstraram que os atletas investigados apresentaram elevados escores para dimensão AI-T e baixos escores para dimensão GI-S, independentemente da categoria (sub-14 e sub-15), durante toda competição. Além disso, os resultados demonstraram que no decorrer da competição os atletas apresentaram regularidade nos níveis de coesão, pois não houve diferença significativa para nenhuma dimensão no decorrer da competição. Por fim, os resultados demonstraram que apesar das equipes iniciarem o campeonato com níveis de coesão distintos em duas dimensões (GI-S e AI-S), no decorrer da competição essas diferenças deixaram de existir.

Diante do apresentado, espera-se que os estudos futuros objetivem comparar os níveis de coesão de grupo dos atletas de outras modalidades esportivas, que façam estudos com amostras de outras entidades esportivas, que utilizem atletas de ambos os sexos e que comparem os resultados de coesão com outras variáveis, como o estilo de liderança, os modelos de treinamento, a ansiedade dos atletas e a motivação do grupo, por exemplo.

Referências

André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? *Revista Da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95–103.

<https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40.753>

Apple, K. (1993). *The antecedents and consequences of multidimensional cohesion throughout an intercollegiate baseball season*. Doctoral thesis. Purdue University, Indiana.

Asamoah, B., & Grobbelaar, H. W. (2017). Team cohesion and performance during a university soccer championship: Two sides of the coin. *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 39(1), 17–31.

<https://doi.org/10.1016/j.aca.2011.06.022>

Balbim, G. M., Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, L. F. (2012). Análise do nível de coesão de grupo e do estresse psicológico pré-competitivo de atletas adultos de voleibol. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 14(6), 704–712. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2012v14n6p704>

Benson, A. J., Šiška, P., Eys, M., Priklerová, S., & Slepíčka, P. (2016). A prospective multilevel examination of the relationship between cohesion and team performance in elite youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 27, 39–46.

<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.07.009>

Brisimis, E., Bebetos, E., & Krommidas, C. (2018). Does group Cohesion predict team sport athletes' satisfaction? *Hellenic Journal of Psychology*, 15(1), 108–124. Retrieved from <https://psycnet.apa.org/record/2018-33465-005>

Carron, A. V., Brawley, L. R., & Widmeyer, W. N. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. *Advances in Sport and Exercise Psychology*

Measurement, 23(7), 213–226.

Carron, A. V., & Eys, M. A. (2012). *Group dynamics in sport* (4th ed.). Morgantown: Fitness Information Technology.

Carron, A. V., Shapcott, K., & Burke, S. (2011). Team dynamics. In T. Morris & P. Terry (Eds.), *The new sport and exercise psychology companion* (pp. 195–209). Morgantown: Fitness Information Technology.

Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. (1985). The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport Psychology*, 7(3), 244–266. <https://doi.org/10.1123/jsp.7.3.244>

Carron, A. V., Bray, S. R., & Eys, M. A. (2002). Team cohesion and team success in sport. *Journal of Sport Sciences*, 20, 119–226. <https://doi.org/10.1080/026404102317200828>

Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297–334. <https://doi.org/10.1007/BF02310555>

Erikstad, M. K., Martin, L. J., Haugen, T., & Høigaard, R. (2018). Group cohesion, needs satisfaction, and self-regulated learning: A one-year prospective study of elite youth soccer players' perceptions of their club team. *Psychology of Sport and Exercise*, 39, 171–178. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.08.013>

Eys, M. A., Carron, A. V., Bray, S. R., & Brawley, L. R. (2007). Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: the group environment questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 395–402. <https://doi.org/10.1123/jsep.29.3.395>

Eys, M. A., Loughhead, T., Bray, S. R., & Carron, A. V. (2009). Development of a cohesion questionnaire for youth: the Youth Sport Environment Questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31(3), 390–408. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.3.390>

Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. São Paulo: Bookman.

Fiorese, L., Pizzo, G. C., Contreira, A. R., Lazier-Leão, T. R., Moreira, C. R., Rigoni, P. A. G., & Nascimento Junior, J. R. A. (2017). Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? *Revista de Psicología Del Deporte*, 27(suppl 1), 51–57.

Gomes, A. R., Pereira, A. P., & Pinheiro, A. R. (2008). Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 482–491. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300017>

Green, S. B., Salkind, N. J., & Akey, T. M. (2000). *Using SPSS for windows: analyzing and understanding data* (2nd ed.). New Jersey: Prentice Hall.

Hernandez, M., Eberly, M. B., Avolio, B. J., & Johnson, M. D. (2011). The loci and mechanisms of leadership: Exploring a more comprehensive view of leadership theory. *The Leadership Quarterly*, 22, 1165–1185. <https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2011.09.009>

Hopkins, W. G. (2002). A scale of magnitudes for effect statistics. Retrieved September 12, 2017, from Internet Society of Sport Science. A New View of Statistics website: <http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>

Loughead, T., & Bloom, G. A. (2012). Team cohesion in sport: Critical overview and implications for team building. In J. Denison, P. Potrac, & T. Gilbert (Eds.), *The Routledge handbook of sports coaching* (pp. 345–355). New York: Routledge.

Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughead, T. M. (2012). Development of a cohesion inventory for children's sport teams. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 16(1), 68–79. <https://doi.org/10.1037/a0024691>

Mikalachki, A. (1969). *Group cohesion reconsidered*. University of Western Ontario,

London.

Morão, K. G., Verzani, R. H., Bagni, G., Rebutini, F., & Machado, A. A. (2019). Estudo exploratório da Coesão em atletas juniores de futebol. *Educación Física y Ciencia*, 21(2), e082. <https://doi.org/10.24215/23142561e082>

Nascimento Junior, J. R. A., Balbim, G. M., Vissoci, J. R. N., Moreira, C. R., Passos, P. C. B., & Vieira, L. F. (2016). Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 18(2), 89–102. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p89-102>

Nascimento Júnior, J. R. A., Granja, C. T. L., Silva, E. C., Amorim, D. R., Oliveira, D. V., & Vieira, L. F. (2018). A frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo no contexto do Futsal de alto rendimento? *Revista Inspirar Movimento & Saúde*, 16(2), 26–31.

Nascimento Junior, J. R. A., Ribeiro, A. C., Moreira, C. R., Pizzo, G. C., Ribeiro, V. T., & Vieira, L. F. (2016). Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. *Revista da Educação Física da UEM*, 27(1), 2742. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2742>

Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, L. F. (2012). Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais de futsal. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 20(2), 84–90. <https://doi.org/10.18511/rbcm.v20i2.3067>

Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, L. F. (2013). Coesão de grupo e liderança do treinador em função do nível competitivo das equipes: Um estudo no contexto do futsal paranaense. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 15(1), 89–102. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n1p89>

Nascimento Junior, J. R. A., Vieira, L. F., Rosado, A. F. B., & Serpa, S. (2012). Validação

do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. *Motriz*, 18(4), 770–782. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400015>

Northouse, P. G. (2010). *Leadership: Theory and Practice*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Paes, R. R., & Balbino, H. F. (2009). A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In D. De Rose Jr. (Ed.), *Esporte e Atividade Física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar* (2nd ed., pp. 73–84). Porto Alegre: ArtMed.

Pagano, M., & Gauvreau, K. (2004). *Princípios de Bioestatística* (2nd ed.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Sezer, U., & Kocaeksi, S. (2018). Examination of youth athletes' team cohesion and collective efficacy beliefs. *Turkiye Klinikleri Journal of Sports Sciences*, 10(1), 1–9. <https://doi.org/10.5336/sportsci.2017-57954>

Silveira, F. J. T., & Oliveira, L. P. (2017). A coesão de grupo realacionada à satisfação das necessidades básicas no esporte em karatecas. *Revista Cesumar*, 22(1), 7–17. <https://doi.org/10.17765/1516-2664.2017v22n1p7-17>

Tertuliano, I. W., Alvarenga, D. V. A., Xavier, G. H. C., Oliveira, V. de, & Machado, A. A. (2019). Coesão de grupo em categorias de base do futebol. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 27(2), 37–47. <https://doi.org/10.18511/rbcm.v27i2.9319>

Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de Pesquisa em Atividade Física* (6th ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Triola, M. F. (2017). *Introdução à Estatística* (12th ed.). Rio de Janeiro: LTC.

Vahdani, M., Sheikhyousefi, R., Moharramzadeh, M., Ojaghi, A., & Salehian, M. H. (2012). Relationship between Coach's Leadership Styles and Group Cohesion in the teams participating in the 10 th Sport Olympiad of male Students. *European Journal of*

Experimental Biology, 2(4), 1012–1017. <https://doi.org/10.1038/srep00676>

Verzani, R. H., Morão, K. G., Bagni, G., Rebustini, F., & Machado, A. A. (2019).

Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 11(4), 399–408.

Vroom, V. H., & Jaago, A. G. (2007). The role of the situation in leadership. *American Psychologist*, 62(1), 17–24. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.1.17>

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6th ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Xavier, G. H. C., Sousa, B. M. G., Alvarenga, D. V. A., Garcia, R. L. da S., Machado, A. A., & Tertuliano, I. W. (2020). Coesão de grupo no Basquetebol: olhares nas categorias de base. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 24(1), 53–59.

<https://doi.org/10.25110/arqsaude.v24i1.2020.7487>

Yin, R. K. (2013). *Case Study Research: Design and Methods* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.